



Lauro Hagemann: os 60 anos de profissão do *Repórter Esso* do Rio Grande do Sul¹

Luiz Artur Ferraretto²
Universidade Luterana do Brasil

Resumo

Recuperação histórica da trajetória de Lauro Hagemann, espécie de referência ética para os radialistas e os jornalistas do Rio Grande do Sul, tendo se destacado como locutor exclusivo da edição gaúcha do *Repórter Esso*, de 1950 a 1964. Em Porto Alegre, apesar de trabalhar no noticiário patrocinado pela multinacional estado-unidense, participou como liderança estudantil da Campanha do Petróleo é Nosso. Emprestou a sua voz e a sua credibilidade à Cadeia Nacional da Legalidade e ajudou a fundar o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Rio Grande do Sul. Militante comunista, foi deputado estadual e vereador.

Palavras-chave

Rádio; História; Política

Os quadros ainda estão ali na parede. No apartamento de Lauro Hagemann, as lembranças de uma viagem à União Soviética refundam, todo dia, a convicção de militante comunista, do radialista que, ao completar 60 anos de carreira, é um profissional respeitado no Rio Grande do Sul, mesmo afastado da área de comunicação há duas décadas. O mais famoso locutor da edição gaúcha do *Repórter Esso* guarda, ainda, outras fotos, outras recordações. Lembranças que vão das primeiras experiências ao microfone, ainda em Santa Cruz do Sul, sua cidade de origem a 150 km de Porto Alegre, passando pelas lutas sindicais, até se concentrar nas lides político-partidárias. Em todas estas atividades, Hagemann soube conciliar o correto locutor de voz levemente impostada com o militante dedicado à organização e à valorização das categorias profissionais – radialistas e jornalistas – pelas quais transitou.

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Faculdade Cásper Líbero e Centro de Integração Empresa-Escola, São Paulo, 2007.

² Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil, de Canoas, Rio Grande do Sul. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. Endereço eletrônico: luiz.ferraretto@uol.com.br.



Figura 2 – Lauro Hagemann na Rádio Santa Cruz do Sul (anos 40)

(Fonte: Acervo particular de Lauro Hagemann.)

Aos 15 anos, entre aulas no Colégio Mauá e jogos de basquete no Corinthians Sport Club, Lauro começa a se aproximar do pessoal do Serviço Alto-falante Santa Cruz Estúdio, também conhecido como Som Azul, uma voz-do-poste que vai fornecer boa parte dos funcionários da primeira emissora da cidade. Em uma noite de 1946, alguém falta ao trabalho no Som Azul e, de forma meio improvisada, Hagemann é convidado a ler alguns textos ao microfone. A inauguração da Rádio Santa Cruz do Sul, pioneira do grupo das Emissoras Reunidas, de Arnaldo Ballvé, acaba impulsionando o seu início de carreira. Como a maioria dos seus colegas da voz-do-poste transfere-se para a nova estação, Lauro Hagemann passa a trabalhar das 19h30 às 21h no sistema de som, anunciando músicas e lendo textos comerciais. Finalmente, o talento do novato acaba chamando a atenção e, após um teste, a fase profissional chega em 1º de junho de 1946:

Na Rádio Santa Cruz do Sul, fiz de tudo: locução, radioteatro... A única coisa que não fiz foi narrar futebol, mas tênis, bolão... Transmitíamos até jogo de bolão... Foi uma disputa entre um cachoeirense e um santa-cruzense que, diziam, eram os maiores bolonistas. Foi em Cachoeira do Sul.³

No mesmo ano, Lauro termina o ginásio e começa a pensar em se transferir para Porto Alegre, onde pretende, de início, cursar Direito. Trabalha ainda mais um pouco na rádio, no ano seguinte. Serve ao Exército, sem se desvincular totalmente da emissora, em 1948. A transferência para a capital do estado só acontece em fevereiro de 1950,

³ Entrevista pessoal com Lauro Hagemann em 3 de agosto de 1999.



quando faz um teste na PRC-2 – Rádio Sociedade Gaúcha e é reprovado. De passagem pelo estúdio, Milton Vergara Côrrea escuta o jovem locutor e oferece trabalho na Rádio Progresso, de Novo Hamburgo.

O gozado é que fui reprovado pelo Graça Guimarães, Adroaldo Guerra e Ivan Castro, que, anos depois, se transformariam em grandes amigos e companheiros, tanto que fundamos juntos o Sindicato dos Radialistas.⁴

Da reprovação na PRC-2, no entanto, ao posto mais cobiçado do rádio do Sul do país – a locução exclusiva da edição gaúcha do *Repórter Esso* – vão se passar apenas poucos meses, período em que Hagemann divide-se entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, no vale do Rio dos Sinos, a 37 km da capital.

1.

Em abril de 1950, Lauro inscreve-se no concurso organizado pela PRH-2 – Rádio Farroupilha, emissora do *Esso* em Porto Alegre; pela Standard Oil Company of Brazil⁵, patrocinadora do noticiário; e pela McCann-Erickson, agência detentora da conta publicitária da companhia petrolífera. Na realidade, sem experiência nas estações de Porto Alegre, a esperança de Hagemann, ressabiado pelo teste mal-sucedido na Gaúcha, é obter uma vaga como locutor comercial, aberta na eventualidade de alguém do quadro fixo da PRH-2 ser selecionado como novo titular do *Esso*. Gravados em discos de acetato, os testes dos 18 inscritos para a vaga são enviados para o Rio de Janeiro, onde representantes da Standard e da McCann-Erickson analisam detidamente o padrão vocal de cada candidato.⁶ Para surpresa do radialista recém-chegado à capital, a escolha recai sobre ele, uma honraria significativa na época. Hagemann assume a função que, do início das transmissões da versão local deste noticiário, em 16 de julho de 1942, até 1949, pertencera a Ruy Figueira. Antes do concurso, alguns outros profissionais alternam-se na locução, com destaque para Iram Ribeiro.⁷ Assim, no dia 1º de junho daquele ano, o público do Rio Grande do Sul e de outras regiões atingidas pelo forte sinal da Farroupilha começa a se acostumar com a correta inflexão de Lauro Hagemann, precedida da chamada feita pelo locutor do horário:

– Alô, alô, Repórter Esso! Alô...

Para, em seguida, a voz do santa-cruzense, contratada com exclusividade, complementar:

⁴ Entrevista pessoal com Lauro Hagemann em 3 de agosto de 1999.

⁵ Denominação original da Esso Brasileira de Petróleo Ltda., uma subsidiária da Exxon Mobil Corporation, com sede nos Estados Unidos.

⁶ Conforme Lauro Hagemann, em entrevista pessoal no dia 3 de agosto de 1999.

⁷ Cf. CURIOSIDADES. *Revista TV*, Porto Alegre, ano 3, p. 13, ago. 1957.



– Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala o *Repórter Esso*, testemunha ocular da história, apresentando as últimas notícias da UPI.

Ou então:

– Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala o *Repórter Esso*, porta-voz radiofônico dos Revendedores Esso, apresentando as últimas notícias da UPI.

Depois de quatro minutos de notícias e 40 segundos de texto comercial, um encerramento, por vezes diferente, para marcar a presença institucional do patrocinador nos vários ramos da indústria de combustíveis e outros derivados:

– O *Repórter Esso*, um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo, voltará ao ar logo mais às 13 horas. Até lá, muito bom dia e lembre-se: se o produto é Esso, cada lata contém milhares de horas de pesquisa.

Final, por vezes, alterado também para saudar alguma data especial:

– O *Repórter Esso*, um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo, voltará ao ar logo mais às 13 horas. Até lá, muito bom dia e lembre-se: salve o dia da Independência do Brasil.⁸



Figura 2 – Lauro Hagemann na Rádio Farroupilha (anos 50)

(Fonte: Acervo particular de Lauro Hagemann.)

⁸ Cf. O ESSO conta a guerra e ensina o país a ouvir noticiários. *Cadernos de Jornalismo*, Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 20-1, 1977.



Transmitido quatro vezes por dia, de segunda a sábado – às 8h, 13h, 19h25 e 22h30 – e duas, aos domingos – às 13h e 19h25⁹ –, quando, em geral, Lauro é substituído por um folguista, o *Esso* e os interesses por trás do noticiário, no entanto, vão de encontro às convicções políticas com as quais seu novo locutor executivo vai cada vez mais se aproximar nos anos seguintes. Cabe lembrar que a Standard Oil Company of Brazil pertencia à família Rockefeller e que esta síntese noticiosa havia chegado ao Brasil – na Nacional, do Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1941 – durante a Segunda Guerra Mundial e dentro da chamada Política de Boa Vizinhança capitaneada pelo Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas. Na época, quem dirigia e aparecia como uma espécie de ideólogo deste órgão do governo dos Estados Unidos era, coincidentemente, o milionário Nelson Aldrich Rockefeller.¹⁰ Com base nesta inter-relação de interesses econômicos e políticos, quando o noticiário estréia no Brasil já está presente, de acordo com Luciano Klöckner¹¹, em dezenas de emissoras da América Latina, destacando-se as das cidades de Buenos Aires, Havana, Lima e Santiago do Chile, além de estações no seu país de origem. Surgido, portanto, neste contexto, logo substituído pela lógica da Guerra Fria, que opõe o bloco capitalista e o comunista, o *Repórter Esso* sofre sempre, segundo Lauro Hagemann¹², uma subordinação aos interesses estado-unidenses:

O condicionamento dava-se a partir da fonte, a United Press International. Todo o noticiário era visto a partir do ângulo dos Estados Unidos. Eu me lembro de uma campanha violenta do *Esso*, quando as refinarias de petróleo estrangeiras foram nacionalizadas no Irã pelo primeiro-ministro Muhammad Mussadeq em 1953¹³. Aí, foi aberta e franca a guerra contra o nacionalismo iraniano. Durante a Campanha do Petróleo é Nosso, então, o assunto foi simplesmente ignorado. Nesta época, a Standard Oil Company foi nacionalizada. Passou a ser a Esso Brasileira de Petróleo. Mudou o nome. Quando começou a campanha, começou também este processo de mostrar a Esso como uma empresa brasileira. Isto, no subliminar... Ficava esta noção. O público começou a ver a Esso não como um bicho-papão que queria o nosso petróleo, mas como uma empresa que pretendia ajudar o Brasil. Tanto é que a criação da Petrobrás, em 1952, passou raspando. Ninguém enalteceu, nem puxou para as notícias principais.

A campanha que leva à criação da Petróleo Brasileiro S.A. encontra Hagemann concluindo o Colégio Júlio de Castilhos, tradicional centro de agitação política em Porto

⁹ Cf. PROGRAMAÇÃO Rádio Farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 1º-9 ago. 1952. p. 8.

¹⁰ Cf. TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 44-50.

¹¹ *O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954)*. Porto Alegre, 1998. f. 111. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹² Entrevista pessoal em 3 de agosto de 1999.

¹³ Liderada pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha, a reação às medidas nacionalistas do governo iraniano leva à destituição de Mohammad Mussadeq em agosto de 1953, com a recondução ao poder do xá Reza Pahlevi, que havia fugido do país.



Alegre. Ali, o locutor do *Repórter Esso* ocupa a secretaria do grêmio estudantil e ajuda a fundar a União dos Estudantes Santa-cruzesenses, que congrega na capital os alunos daquela cidade.

Eu cheguei a fazer vestibular para Direito, mas não passei. Passei no vestibular de Jornalismo. Integrei a segunda turma de Jornalismo da Universidade do Rio Grande do Sul. Eram três anos de formação. Fiz parte do centro acadêmico da Faculdade de Filosofia¹⁴, um degrau a mais na política estudantil. Em 1955, fui eleito presidente da União Estadual de Estudantes (UEE), que congregava todos os centros acadêmicos do estado.¹⁵

Ao longo da Campanha do Petróleo é Nosso, o profissionalismo como conduz a aparente incoerência entre o seu papel de liderança estudantil e o de locutor do *Repórter Esso*, um dos principais porta-vozes contrários à nacionalização das reservas petrolíferas, começa a conferir a Hagemann um caráter de reserva ética dos radialistas e jornalistas do Rio Grande do Sul. A qualidade profissional e a credibilidade conferida por sua voz ao noticiário servem, no entanto, como uma poderosa barreira a reduzir pressões, não que estas deixem de ocorrer:

Eu sempre tive problemas com a Esso. Volta e meia, baixava uma delegação deles para me cobrar umas coisas. Eu era presidente da União Estadual dos Estudantes e nós fizemos um comício no Largo dos Medeiros, que terminou em pancadaria no ano de 1955, logo depois da crise do Lott, Café Filho e Lacerda¹⁶. Os americanos estavam em cima querendo amordaçar o Brasil. Eu, como dirigente estudantil, fazia comício contra isto. Um dia, inauguraram a torre da Petrobrás na Praça da Alfândega, comemorando a vitória do Petróleo é Nosso. Eu, como dirigente estudantil, fui lá discursar. Aquilo gerou pressão. E eu dizia para eles, os patrões: “Eu vendo meu trabalho. Não vendo a minha consciência.”¹⁷

A trajetória do *Repórter Esso* em Porto Alegre, na Farroupilha, encerra-se no dia 31 de dezembro de 1964. Meses antes, em março, um golpe derrubara o governo constitucional do presidente João Goulart a partir de uma articulação de políticos de direita, militares e empresários, com apoio de parcelas das classes alta e média, e com a chancela dos Estados Unidos. Daí a definição de Hagemann¹⁸, já comunista, sobre o final do noticiário: “Cumprido o seu papel, o Esso poderia desaparecer”¹⁹.

¹⁴ Na estrutura da então Universidade do Rio Grande do Sul, o curso de Jornalismo estava ligado, administrativamente, a esta faculdade.

¹⁵ HAGEMANN, Lauro apud LAURO Hagemann, comunicador e político. *Agora Regional*, Santa Cruz do Sul: ano 3, n. 30, p. 6, mar. 1998.

¹⁶ Referência ao contragolpe de novembro de 1955 liderado pelo então ministro da Guerra, o então general Henrique Teixeira Lott, para garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek contra articulações de forças semelhantes as que, em 1964, chegariam ao poder.

¹⁷ Entrevista pessoal com Lauro Hagemann em 3 de agosto de 1999.

¹⁸ Entrevista pessoal em 3 de agosto de 1999.

¹⁹ O *Esso*, no entanto, teria uma sobrevida em Porto Alegre, sem impacto, de 1965 a 1966, na Rádio Continental, com locução de Marino Cunha.

2.

Para compreender as conseqüências do golpe de 1964 na trajetória profissional de Lauro Hagemann, é necessário voltar ao início da década, a uma forte mobilização política que tem por protagonista o rádio. Em agosto de 1961, o governador do Rio Grande do Sul reage às tentativas de impedir a posse do vice João Goulart após a renúncia do presidente da República, Jânio Quadros. Ocupando os transmissores da Rádio Guaíba, Leonel Brizola comanda dos porões do Palácio Piratini a Cadeia Nacional da Legalidade. Lauro Hagemann é, então, o principal locutor-noticiarista do Sul do país:

Com a Legalidade, a Farroupilha fica fora do ar. Só a Guaíba transmite, requisitada pelo governador Brizola. Em um primeiro momento, os cristais dos transmissores de todas as emissoras, exceção da Guaíba, foram retirados. Depois, elas conseguiram voltar a transmitir já em cadeia com a Guaíba. O noticiário da Legalidade era transmitido pelo pessoal do Palácio Piratini. Tinha apenas um locutor lá, o Naldo Charão de Freitas. Então, eu me apresentei. Foi sopa no mel. O locutor do *Repórter Esso* transmitindo na Cadeia da Legalidade...²⁰

O movimento da Legalidade demonstra o poder de mobilização dos radialistas, estando, na opinião de Lauro Hagemann²¹, na origem da estruturação do sindicato da categoria no estado. O que ocorre no Rio Grande do Sul reflete, então, articulações em curso no país. Assim, no primeiro semestre de 1962, em termos nacionais, começam os entendimentos que vão levar à criação do Comando Geral dos Trabalhadores durante o IV Congresso Sindical Nacional, de 17 a 19 de agosto, em São Paulo. No CGT, há, então, forte presença de elementos ligados ao Partido Trabalhista Brasileiro, o mesmo do presidente, e ao Partido Comunista Brasileiro, na ilegalidade desde maio de 1947.

Neste contexto, a partir de uma associação desativada²², mas registrada na Delegacia Regional do Trabalho, os radialistas começam a se organizar. Com a carta sindical concedida em 14 de julho de 1962, é realizada uma assembléia nos primeiros dias de agosto, reunindo 300 trabalhadores no salão nobre do Instituto de Assistência dos Industriários (IAPI). Votam uma pauta de reivindicações e definem a primeira diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão do Rio Grande do Sul, tendo Lauro Hagemann como presidente.²³

²⁰ Entrevista pessoal com Lauro Hagemann em 3 de agosto de 1999.

²¹ PROJETO RESGATE VOZES DO RÁDIO. *Lauro Hagemann*. Porto Alegre: Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 7 maio 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/vozesrad/lauroh.html>>. Acesso em: 27 ago. 2003.

²² Até o início dos anos 60, ocorrem algumas tentativas de organização dos radialistas. Esta, a que deu a base para a constituição legal do sindicato da categoria no estado, teve como presidente Mário de Lima Hornes, assistente de direção da Farroupilha, em 1962 (Cf. FUNDAÇÃO EDUCACIONAL PADRE LANDELL DE MOURA. *Radiodifusão no RS: História & estórias*. Porto Alegre: Feplam, 1993. v. 2, p. 100.).

²³ Cf. GREVE. Greve. Greve. *Três por Quatro*, Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [197-]. p. 12.

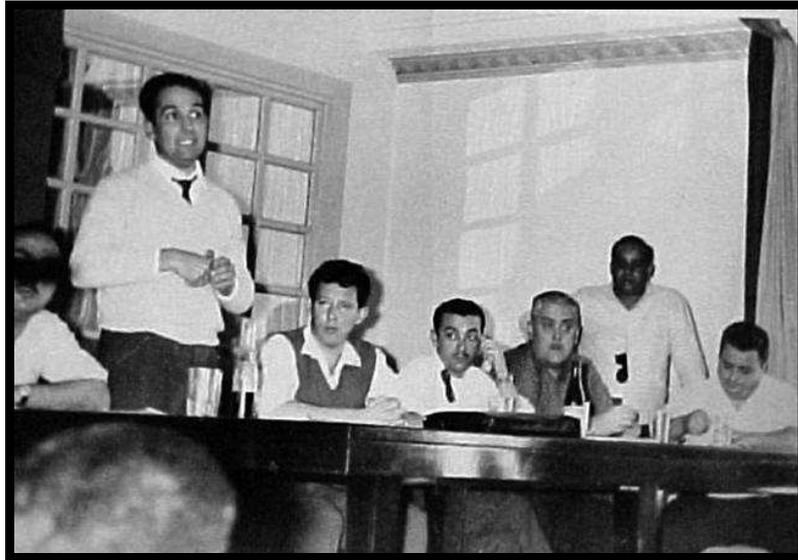


Figura 3 – Assembléia de dissídio dos radialistas (5 de agosto de 1962)

Da esquerda para a direita, Fábio Silveira, Victor Nuñez (assessor jurídico do sindicato), Lauro Hagemann, Graça Guimarães, Adroaldo Guerra, Raul Ulguin (ativista sindical) e Ivan Castro.

(Fonte: Acervo particular de Lauro Hagemann.)

Há, no entanto, um problema para o encaminhamento das negociações com a classe patronal, ainda não organizada em uma entidade representativa. Embora o dissídio seja unificado, as tratativas seguem sendo realizadas emissora a emissora. Algumas, no entanto, cedem, concordando com as reivindicações dos trabalhadores. Pretendendo forçar o fechamento de um acordo, a categoria declara-se em iminência de greve, mas os Diários e Emissoras Associados, dirigidos por Nélon Dimas de Oliveira, e a Rádio Princesa, da família Pertilli, rejeitam a pauta proposta pelo sindicato. Como consequência, em 21 de setembro, Dia do Radialista, nova assembléia deflagra a paralisação nas duas empresas. Piquetes são montados na Galeria do Rosário, onde estão os estúdios das rádios Princesa, no 21º andar, e, por coincidência, os da Farroupilha, no 22º. O governador interino, Ajadil de Lemos, então secretário estadual do Interior e Justiça, dá garantias a Lauro Hagemann de que não vai haver repressão policial ao movimento. A greve, no entanto, não ocorre sem uma dose de violência. Com certa conivência das autoridades estaduais ligadas ao PTB, os radialistas chegam a cortar a energia elétrica dos transmissores da Princesa, mas o foco principal da mobilização incide mesmo sobre os Associados, aonde as condições de trabalho já vinham se deteriorando há bastante tempo:

Mas e os fura-greves dos Diários e Emissoras Associados?

No Morro da TV, já se tinha encontrado uma solução: um imenso poste de luz atravessado na porta da Piratini²⁴. Só entrou, mesmo, Renato Cardoso. Mas o diretor da emissora estava sabendo, fora advertido: “Se entrasse, não saía mais”.(...)

O clima era outro cá embaixo. Pouco antes da hora da Farroupilha voltar ao ar, o diretor Dimas de Oliveira conseguiu abrir caminho pela Galeria do Rosário. Estava acompanhado por Ênio Melo, comentarista de esportes, e Glênio Peres, do Departamento de Promoções.

Eram os fura-greves. Como iria reagir o piquete? Como gente que estava lutando por melhoria salarial, que precisava dela: na porrada. E foi o que levou Glênio Peres, de um agressor até hoje não identificado, mas certamente muito conhecido. De qualquer forma, surrados e desprezados, os furões conseguiram subir, acompanhando o representante do patrão.

Para o morro, subia um caminhão de brigadianos. Os do piquete, assustados. Parou o caminhão, desceu o tenente, bateu continência: “Estamos aqui para garantir a segurança de vocês”. Enquanto isso, Ênio Melo e Glênio Peres – que, mais tarde, se declarou arrependido – comandavam o espetáculo na Farroupilha.

A toda hora diziam que a emissora funcionava em estado precário por causa da greve. E, às duas da tarde, tiveram que colocar no ar o comunicado da direção da empresa que se entregava aos grevistas, como fazia a Princesa. Concordavam com o reajuste de 64%.²⁵

Depois de 15 horas de greve, as reivindicações são atendidas pela classe patronal. Para se ter uma idéia, escudadas nesta paralisação, as lideranças dos trabalhadores obtêm, no dissídio do ano seguinte, um reajuste de 100%.²⁶ À força da entidade, os novos detentores do poder vão responder com forte repressão após o golpe de 1964.

3.

É, em meio à agitação política do início dos anos 1960, que Lauro Hagemann aproxima-se do então ilegal Partido Comunista Brasileiro e concorre, pela primeira vez, a um cargo eletivo, sem, no entanto, perder o referencial das lutas trabalhistas:

Os radialistas chegaram à conclusão de que a nossa luta não se esgotava no âmbito profissional, não era corporativa, era uma luta mais ampla, porque era uma luta da sociedade por um melhor tipo de comunicação que só uma organização profissional podia sustentar, melhorar e ajudar. Então os meus companheiros acharam que eu deveria participar da eleição para vereador em Porto Alegre. Fui cooptado pelo Partido Comunista e inscrito na legenda do PSB [*Partido Socialista Brasileiro*], que estava coligada com o PR [*Partido Republicano*]. Era a famosa Aliança Republicano Socialista (ARS). Ela me elegeu suplente de vereador em Porto Alegre, em 63.²⁷

Quando vem o golpe de 1964, Hagemann participa das tentativas de reviver a mobilização de três anos antes. A palavra-chave é de novo “legalidade”, mas quem go-

²⁴ Estação de televisão dos Associados em Porto Alegre.

²⁵ GREVE. Greve. Greve. *Três por Quatro*, Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [197-]. p. 12.

²⁶ Cf. FUNDAÇÃO EDUCACIONAL PADRE LANDELL DE MOURA. Op. cit. v. 2, p. 101./ GREVE. Greve. Greve. *Três por Quatro*, Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [197-]. p. 12.

²⁷ HAGEMANN, Lauro apud LAURO Hagemann, comunicador e político. *Agora Regional*, Santa Cruz do Sul: ano 3, n. 30, p. 7, mar. 1998.



verna o Rio Grande do Sul é o golpista Ildo Meneghetti, do Partido Social Democrático. O foco da resistência organiza-se, então, em torno da Prefeitura de Porto Alegre, onde está Sereno Chaise, do PTB. Ali, com o presidente do Sindicato dos Radialistas como locutor oficial, acontece, na noite de 1º de abril, o Comício da Legalidade transmitido pela Farroupilha, ocupada por forças leais ao presidente João Goulart. No dia seguinte, com a consolidação da quebra da regularidade democrática, Hagemann toma algumas medidas para evitar a perseguição àqueles que apoiavam uma nova Cadeia da Legalidade. Junto com o jornalista Hélio Gama, o locutor queima centenas de papéis, entre eles fichas com endereços e telefones, que poderiam levar diversas pessoas à prisão. Também, as fitas com gravações do comício são requisitadas pelos órgãos de repressão política do novo governo, mas um técnico da Farroupilha consegue, antes da entrega do material, suprimir trechos onde aparecia a voz de Hagemann, salvando o presidente do sindicato.²⁸

Pouco depois, a ditadura militar cassa os direitos políticos de 34 gaúchos: cinco prefeitos, três vices, um deputado federal, dois suplentes da Câmara do Deputados, sete deputados estaduais, oito suplentes da Assembléia Legislativa, dois vereadores, dois suplentes de Câmara Municipal, dois professores e dois sindicalistas.²⁹ Fora da lista, Hagemann passa de suplente a vereador, assumindo em 12 de maio de 1964. Dois anos depois, concorre a deputado estadual e se elege pelo Movimento Democrático Brasileiro, caminho natural da oposição no bipartidarismo imposto pelo novo regime. Desde o final da década, Lauro dividia-se entre a Farroupilha e a Rádio da Universidade, emissora educativa e pública ligada a então Universidade do Rio Grande do Sul. Todo este patrimônio profissional e político é posto à prova após a decretação do Ato Institucional n. 5, em 13 de dezembro de 1968:

Eu fui para a Assembléia em 1967 e fiquei até o dia 13 de março de 1969. Por efeito do AI-5, eu fui cassado. (...) Perdi tudo numa paulada só. Fui destituído do Sindicato dos Radialistas, fui suspenso como funcionário público, tempos depois fui aposentado. Perdi o mandato, perdi tudo. Nessa época, tinha havido um problema sindical na Rádio Farroupilha e fui demitido. Então fiquei sem nada, até sem emprego.³⁰

Com cinco filhos na época, a Hagemann só resta, então, procurar emprego. Por coincidência, dias depois, abre um processo de seleção para locutores na Rádio Guaíba, consolidada, então, como uma das estações mais importantes de Porto Alegre. Ocorre

²⁸ Conforme Lauro Hagemann, em entrevistas pessoais nos dias 3 de agosto de 1999 e 16 de junho de 2004.

²⁹ Cf. SUSPENSOS direitos políticos de 34 pessoas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 maio 1964. p. 10-1.

³⁰ HAGEMANN, Lauro apud LAURO Hagemann, comunicador e político. *Agora Regional*, Santa Cruz do Sul: ano 3, n. 30, p. 7, mar. 1998.

que o proprietário da emissora e dos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, Breno Caldas, principal empresário do setor de comunicação do estado, havia apoiado o golpe e desfrutava, ainda, de excelentes relações com os novos donos do poder no país.

Fui conversar com o doutor Breno para saber se não havia inconveniente nenhum em me inscrever no concurso. Fui um dia à noite lá. O doutor Breno chegou e eu me apresentei. Perguntei para ele isto, então. Estávamos no meio da redação do *Correio do Povo*. Já haviam me prevenido que, se ele não me quisesse lá, na hora me daria a resposta negativa. Agora, se dissesse que eu voltasse em outro dia, era quase 99% de chances de estar empregado. E foi o que aconteceu. Ele disse: “Passa aqui amanhã”. Claro que ele queria trocar idéia com outras pessoas. No dia seguinte, uma sexta-feira, fui lá. Conversamos por mais de uma hora. Disse para ele que, se tivesse de fazer tudo de novo, eu faria, porque não havia feito por mim, mas pela categoria. Ele me disse: “Bom, tu vens trabalhar conosco. Enquanto formos donos da empresa, sempre haverá lugar para gente como tu”.³¹

Respalado pelo seu profissionalismo, Lauro Hagemann permanece na Rádio Guaíba até 1984, quando sai para uma nova experiência na Pampa, emissora que aposta, então, em uma programação jornalística. Não abandona as lides trabalhistas, presidindo o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre³² de 1980 a 1982, ano em que é eleito vereador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Com a legalização do PCB, integra a primeira bancada comunista da Câmara Municipal de Porto Alegre. Mais tarde, vai ajudar a organizar o Partido Popular Socialista (PPS), do qual sai para se filiar ao Partido dos Trabalhadores, retornando ao PMDB em 2003.

Considerações finais

Passando por várias emissoras, cargos públicos e partidos, mas sempre dentro do campo de sua consciência política e de sua ética pessoal, Lauro Hagemann segue, aos 60 anos de profissão completados em meados de 2006, como uma referência, somando ao profissionalismo uma boa dose de análise crítica da realidade. Nas indústrias culturais dedicadas à comunicação massiva, sua figura faz muita falta em meio a jornadas de trabalho excessivas; a atividades divididas entre vários veículos de um mesmo grupo, muitas vezes sem a devida contrapartida financeira; e à competitividade excessiva entre colegas com frequência ferindo a ética.

A história de Hagemann constitui-se em um exemplo não só para os radialistas e jornalistas, militantes ou não. Em tempos de candidatos de ocasião, corruptos deslumbrados com novos poderes e profissionais da política de convicções voláteis, serve como uma diferencial e uma esperança, esperança de que surjam outros como ele: vertebros para não se curvarem ante as imposições dos superiores e nunca dispostos a ce-

³¹ Entrevista pessoal com Lauro Hagemann em 3 de agosto de 1999.

³² Atual Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul.



der quando o assunto é caráter. Pode-se considerar este profissional um produto e um agente de uma época, tempos em que uns tentavam tomar de assalto o paraíso e outros queriam evitar a chamada ameaça vermelha. Assim, em meio às fotografias antigas, independente de sigla partidária, Lauro Hagemann, tendo honrado preceitos e convicções com humanismo, ainda pode encarar tranqüilo o Karl Marx que lhe sorri, em resposta, da parede do seu apartamento.

Referências bibliográficas e eletrônicas

ALMANAQUE ABRIL 2001. 26.ed. São Paulo: Abril, 2001. 2v.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. CD-ROM.

CURIOSIDADES. *Revista TV*, Porto Alegre, ano 3, p. 13, ago. 1957.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio – O veículo, a história e a técnica*. 2.ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2001. 378p.

_____. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: Editora da Ulbra, 2002. 258p.

_____. *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*. Porto Alegre, 2005. 943f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL PADRE LANDELL DE MOURA. *Radiodifusão no RS: História & estórias*. Porto Alegre: Feplam, 1992. 2v.

GREVE. Greve. Greve. *Três por Quatro*, Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [197-]. p. 12.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954)*. Porto Alegre, 1998. 283f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. *Comunicação: o Repórter Esso e a globalização – Uma investigação hermenêutica*. Porto Alegre, 2003. 204f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LAURO HAGEMANN. Entrevistas pessoais em 3 de agosto de 1999 e em 16 de junho de 2004.

LAURO Hagemann, comunicador e político. *Agora Regional*, Santa Cruz do Sul: ano 3, n. 30, p. 6-8, mar. 1998

NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril Cultural, 1980-1982. 6v.

PROGRAMAÇÃO Rádio Farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 1º-9 ago. 1952. p. 8.



PROJETO RESGATE VOZES DO RÁDIO. *Lauro Hagemann*. Porto Alegre: Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 7 maio 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/uni/poa/famecos/vozesrad/lauroh.html>>. Acesso em: 27 ago. 2003.

RÁDIO GUAÍBA AM. *Guaíba Revista*. Porto Alegre, 30 jun. 2006. Programa de rádio.

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DE PORTO ALEGRE. *Cadernos de Jornalismo*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1977.

SUSPENSOS direitos políticos de 34 pessoas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 maio 1964. p. 10-1.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 242p.

A VOLTA do *Repórter Esso*. *TV Sul*, Porto Alegre, ano 3, n. 52, p. 9, 1º-15 out. 1965.